



ENS

ÍNDICE

Introdução	3
O olhar de Deus	5
Se conhecesses o dom de Deus	21





INTRODUÇÃO

Esta separata da Carta foi preparada para os que valorizam as leituras como forma de estimular a reflexão. Contém dois temas que seleccionámos entre os que foram apresentados no Colégio Internacional das ENS deste ano.

O Colégio ENS, órgão composto pelos casais da ERI e por todos os casais responsáveis das 12 Supra-Regiões, reúne anualmente durante 7 dias. Este encontro é sempre um tempo de comunhão e de reflexão muito rico para todos, sendo também um momento de balanço do ano que passou e de lançamento do novo ano.

O Colégio deste ano decorreu em Durham, Inglaterra, de 15 a 21 de Julho. Mais uma vez revimos amigos e partilhamos preocupações, alegrias e reflexões.

Destas reflexões destacamos 2 temas apresentados pelo Padre Ângelo Epis, Conselheiro Espiritual da ERI, e pela Maria Carla e Carlo Volpini, casal responsável da ERI, que pela sua profundidade e actualidade aqui reproduzimos, desejando que sejam também para vós motivo de reflexão em casal e em equipa.

O tema dos Volpini é uma verdadeira delícia para os sentidos, fala-nos de oração à volta de umas horas passadas numa Igreja, numa manhã, num dia de semana ... a não perder.

O tema do Padre Epis levanta um conjunto de interrogações como que a balizar o caminho que teremos de percorrer em Movimento para lhes dar resposta.

Desejamo-vos boas leituras e boas reflexões.



O OLHAR DE DEUS

Apresentação ao Colégio Internacional das ENS, Durham 2007

«*Eu procuro o teu olhar,
porque o nosso Deus é olhar.
Um olhar sempre vivo*»

HENRY CAFFAREL



Carlo e Maria Carla Volpini

O dia de hoje tem o *fio condutor* da **oração** e foi-nos confiada a tarefa de desenvolver uma reflexão sobre este tema difícil, mas também muito fascinante, falar da oração sem falar de orações, dizer alguma coisa a respeito de um olhar que nos deve conduzir à fé, que deve, como diz Caffarel, fazer-nos conhecer o Absoluto de Deus porque Deus é olhar.

Nós não somos conferencistas e muito menos teólogos, somos apenas um casal que, assim como vós, recebemos o dom de poder aprofundar o sentido da vida e da fé através do caminho proposto pelas ENS, para que toda a nossa vida possa ser um reflexo, ainda que pálido, do amor de Deus ao próximo e à criação. É, portanto, na nossa vida quotidiana, nas coisas que nos rodeiam, nas situações que vivemos, nas relações que temos, nos serviços que executamos, nas pessoas que encontramos, que devemos procurar levar o reflexo deste amor de Deus. É na nossa vida quotidiana que, de forma consciente e profunda, a oração se deve tornar vida e a vida se deve tornar oração. Se oração e vida devem ter sentido uma para a outra, também as nossas reflexões não podem omitir este buscar com a mente e viver com o coração. Por isso, no nosso discurso a duas vozes, a minha voz exprime a nossa reflexão comum, e a voz de Carlo (*em itálico no texto*) conta-vos como na nossa pequena vida normal procuramos e encontramos o sinal do amor de Deus. Não queremos ensinar nada, queremos somente contar como, fascinados pelo convite do Padre Caffarel, desejamos cada vez mais compreender que Deus é também olhar e que rezar pode significar também procurar encontrar este olhar.

Durante anos, sempre repetimos, e continuamos repetindo, que o nosso é um Movimento profético. Porém, na prática, muitas vezes não aprofundamos em quê

e como se torna actual esta profecia. Os teólogos e os filósofos, a começar por toda a reflexão de Levinas sobre o rosto de Deus, convidam-nos hoje a reflectir sobre o **olhar**, e a busca teológica de hoje orienta-se sobre estas reflexões do rosto e do olhar. Caffarel, homem profético, já o havia dito em 1961: **“eu procuro o teu olhar, porque o nosso Deus é olhar. Um olhar sempre vivo”!**

Dizem os místicos que quando começamos o nosso caminho espiritual, queremos falar muito com Deus e acabamos por não escutar aquilo que Ele tem para nos dizer... mas, afinal, para entender o Universo até ao fim o Raciocínio não serve. A Razão deve fazer Silêncio e a Inteligência deve descer ao Coração. Talvez tenhamos que, como crianças, *aprender a olhar* de forma diferente.

“*Nunca se vai tão longe como quando não se sabe para onde se vai*” diz Goethe e talvez cada um de nós já experimentou que, justamente quando soltamos as amarras, quando não fazemos da nossa inteligência e racionalidade um obstáculo ao caminho, quando abandonamos as nossas certezas, quando nos abandonamos sem mais resistência ao fluir da vida, é a própria vida a conduzir-nos pela mão oferecendo-nos perspectivas impensáveis, deixando-nos vislumbrar horizontes desconhecidos, conduzindo-nos a destinos nos quais não teríamos nem de longe pensado.

Talvez também para rezar, para conseguir escutar o Absoluto, devemos aprender a pôr de lado a nossa mente, a descer no coração; para conseguir encontrar o olhar de Deus devemos aprender a olhar o mundo, as pessoas, as coisas, a vida, com um olhar diferente.

“Desta vez não quisemos pensar logo, não quisemos dirigir logo as nossas reflexões, não quisemos colocar logo em ordem as nossas ideias de forma lógica e racional, não quisemos, enfim, confiar logo apenas à nossa mente, a tarefa de encontrar as palavras para expressar como podemos redescobrir em nós, Cristo, fonte da vida, como podemos escutar o Absoluto de Deus. E aqui estamos, nesta igreja grande e vazia às dez da manhã de um dia da semana... viemos sentar-nos aqui e não fazer mais nada... conseguimos libertar-nos por algum tempo do trabalho, conseguimos libertar-nos da tentação de permanecer em frente aos livros ou ao computador, conseguimos libertar-nos do hábito, já adquirido, de confrontar-nos com as coisas e compartilhar as ideias, viemos aqui porque há silêncio, aqui mora Deus e talvez aqui, na Sua casa, vamos conseguir ouvir a Sua voz. Olhamos ao redor, é fácil distrairmo-nos quando não se quer fazer nada, quando não se deseja nem pensar nem rezar, mas somente “estar”... A mente, na realidade, continua a vaguear e as preocupações e os pensamentos acumulam-se independentemente do nosso desejo de silêncio e de vazio... Sim, é grande o

esforço para se chegar ao vazio e ao silêncio interior. Em pouco tempo sentimos a tentação de ir embora, considerar inútil esta experiência, retornar ao costumeiro exercício do pensamento, porém não cedemos e permanecemos ali sentados, um perto do outro, sem falar, fazendo com que devagar nos acostumemos àquele silêncio, àquela igreja grande e vazia e que nos libertemos também de uma mente que quer ter pensamentos lógicos e racionais...

Aos poucos o ritmo do pensamento torna-se mais calmo, as ideias afastam-se, também o corpo está menos tenso e parece que tudo em nós se predispõe de uma forma mais tranquila a este “estar” sem procurar mais nada, quase na espera de alguma coisa que não sabemos o que é...” Nunca se vai tão longe como quando não se sabe para onde se vai” diz Goethe... Ficamos à espera não apreensivos, mas confiantes... Deixamos que os nossos olhares percorram a igreja sem procurar um objectivo fixo, deixamos que os nossos olhos pousem aqui e ali, que acariciem as paredes da igreja, que passem pelos quadros, pelas imagens, pelas balaustradas, que se encham das cores dos vitrais, que toquem, sem realmente tocar, os vários folhetos espalhados aqui e ali, os livros dos cânticos, os avisos das actividades afixados nos quadros, os editais de casamentos, que passem rente às flores colocadas sobre o altar e nas pequenas capelas laterais, que toquem de leve a chama acesa em frente ao sacrário quase na espera do leve toque de uma carícia divina... Tudo em silêncio e sem pressa: depois, só depois, virá a hora de compartilhar as sensações, os pensamentos, as emoções...”

Porque quisemos fazer esta experiência e porque pensamos que esta experiência de olhares e de silêncio pudesse ser útil para encontrar Cristo, fonte da nossa vida, e para localizar a sua voz dentro de nós? Porque na bagagem das nossas leituras e das nossas anotações, entre os milhares de papéis que enchem a nossa casa, espalhados sobre as mesas, pregados com íman na porta do frigorífico, escritos às pressas entre uma página e outra da agenda de trabalho ou de um livro, ou sobre outras palestras ouvidas... encontramos uma frase de Isabel Allende, uma escritora que eu (Maria Carla) amo muito e que viveu a experiência intensa e perturbadora de acompanhar a doença de uma filha até à morte, a rebelião de não aceitar a doença desta filha e querer mantê-la em vida, até a compreensão de ter que deixá-la ir, de entregar a vida da filha ao Espírito... podem imaginar o que pode provocar no espírito de uma mãe uma experiência deste tipo... e quantos são os pensamentos que atravessaram a sua mente e o seu coração... Entre estes uma sua frase impressionou-nos tanto que a encontramos anotada num de nossos famosos papéis: “*Silêncio antes do nascimento, silêncio após a morte: a vida é puro barulho entre dois silêncios insondáveis*”.

Achamos que podemos dizer que se o Senhor é o Deus do Templo e o Pai da Vida, se a Eternidade antes do nascimento de cada um de nós e depois da nossa morte é habitada somente por Ele, se a Sua presença se revela de maneira constante, mas invisível no nosso quotidiano, na História dos homens e nas pequenas histórias das nossas vidas, então é somente nos espaços e nos fragmentos de silêncio no meio do barulho da vida que nós seremos capazes de O compreender e de O escutar.

O barulho da vida: não pensamos apenas no barulho frenético das buzinas nas ruas de qualquer cidade caótica, não pensamos apenas na vozearia de um sábado à tarde numa rua do centro de uma cidade grande ou pequena, não pensamos apenas nos televisores permanentemente ligados não só nas casas, mas agora também nos bares e nos restaurantes e nas lojas. O barulho da vida pode ser ensurdecedor e atordoante até mesmo numa tranquila aldeia rural se o nosso espírito e o nosso coração estão constantemente sobrecarregados de preocupações para realizar uma série de objectivos, se a ansiedade de alcançar este ou aquele objectivo no trabalho, ou em qualquer contexto social, nos toma mais do que o próprio valor daquilo que fazemos, se a falta de uma saudável confiança nas coisas e nos homens (que não significa tola superficialidade) nos “obriga” a uma atenção contínua e tensa a tudo aquilo que acontece ao nosso redor, se o princípio forte do dever, levado quase à exasperação, tira toda a possibilidade de manifestação do leve gosto do prazer, se o medo de não estar à altura das expectativas, nossas ou dos outros, nos obriga a um controle contínuo da espontaneidade

O barulho da vida, paradoxalmente, pode ser ensurdecedor e atordoante mesmo no silêncio dilacerante de solidões que não encontram acolhimento e erguem muros de divisão, de dores que não encontram conforto e se fecham num total isolamento, de sentimentos que não encontram expressão e se perdem num imaginário de sonhos sem algum contacto com a realidade, de desejos de encontro entre cônjuges, entre pais e filhos, mesmo entre amigos, que não encontram espaços de realização mas dão origem a dinâmicas relacionais difíceis, atormentadas, amargas...

O barulho da vida, desta forma tão desorientadora, como pode permitir responder à exigência de espiritualidade, de busca do sentido da própria vida, de encontro profundo com Cristo? E, mesmo assim, quantas e quantas vezes caímos nesta armadilha? E quantas vezes ainda vamos cair na cilada de pensar que somente no “fazer” poderemos encontrar a satisfação de “ser”?

Eis porque desta vez nós quisemos, intencionalmente, viver a experiência de ir a um lugar de silêncio, que para nós foi aquela igreja para encontrar Cristo, fonte da nossa vida, e para procurar sentir a plenitude de Deus. Naquele lugar, naquele

O OLHAR DE DEUS

espaço soltamos as amarras, procuramos libertar-nos de qualquer vínculo de tempo, de trabalho, de preocupação, para procurar deixar-nos guiar por sensações e observações e percepções aparentemente sem lógica e sem sentido: depois, só depois, compartilhamos tudo, num jogo até divertido de descobrir o significado que se pudesse esconder atrás das coisas, das imagens, das associações de ideias que naquele lugar se haviam oferecido e apresentado ao nosso coração em liberdade.

E é isto que agora queremos compartilhar convosco, dizendo logo que naquela hora de silêncio “forçado” que nos concedemos, os nossos *olhares* se pousaram sobre algumas coisas em particular: um nicho vazio numa parede; uma pia de água benta; um ramo de noiva deixado em frente duma estátua de Nossa Senhora, uma fresta num banco e uma fenda na madeira, um olhar penetrante de uma imagem de Cristo.

Sáímos da igreja levando connosco apenas estas imagens, mas, mais tarde, reflectimos a seu respeito, transmitimos um ao outro as impressões que havíamos tido e no que havíamos pensado e, juntos, procuramos aprofundar as nossas reflexões. Tudo na certeza de que cada coisa tem o seu significado, de que cada coisa pode levar-nos à oração, lembrando o exercício que São Francisco tanto gostava: de apanhar as folhas caídas das árvores para procurar nelas o sinal de Deus.

Um nicho vazio numa parede

Normalmente as igrejas não têm nichos vazios, todos os nichos são bem utilizados, ou mal utilizados, com estatuetas, corações ex-voto, flores e outras coisas... Um nicho vazio chama a atenção, não há dúvidas. Aquele era um nicho não muito grande, talvez 50 a 70 centímetros de altura e não mais do que 30 de largura, colocado numa parede bem à mostra, perto do altar... no seu interior reflectia-se a sombra oblíqua do reflexo de um vitral. Um nicho vazio à espera de ser ocupado por alguma coisa ou um nicho vazio deixado propositadamente vazio? Com certeza um nicho faz pensar logo num gesto de acolhimento: a sua redondez, a sua concavidade, remete imediatamente a algo capaz de conter, acolher, hospedar, e também proteger... uma baía é um porto seguro mesmo quando há tempestade no mar: as águas da baía não rebentam umas contra as outras mas dissolvem-se ao longo de todo o arco da terra e extinguem pouco a pouco a sua violência. O ventre materno é o nicho ideal para uma vida que vai nascer, o ventre materno redondo e côncavo como aquele nicho, capaz de hospedar a vida e de protegê-la. A escuridão protege a vida que floresce e toda a luz muito forte, assim como todo o barulho que incomoda, são atenuados no

nicho do ventre de uma mãe. E, em seguida, do ventre materno para o berço, ainda como um nicho oval, sempre protegido por um véu, ou por um pano, portanto nunca muito exposto à luz violenta e aos sons altos. É na profundidade que o Senhor mora, é no silêncio antes de cada nascimento e no silêncio depois da morte que Deus cria a eternidade. E é lá, nos lugares do silêncio, protegidos do barulho e das luzes violentas que cada um de nós deve procurá-Lo e pode encontrá-Lo. E este encontro é oração. Aquele nicho vazio na parede de uma igreja talvez esteja vazio intencionalmente: espera, na sua nudez, a nossa busca de Deus, mas o encontro só é possível na profundidade do espírito, lá onde o barulho da vida está longe e onde o irradiar-se da luz cede lugar à sombra quieta do encontro silencioso. Não há necessidade de vozes ou de luzes: O Espírito de Deus enche todas as coisas.

“Um amigo equipista, dos mais queridos, que muito entendia de silêncio e de barulho, de escuta e de gritaria, dizia que a vida é um conjunto de arestas e curvas, não apenas as coisas ao nosso redor, como são feitas e como nos parecem são um conjunto de arestas e curvas, mas também dentro de nós há um emaranhado de arestas e curvas: os nossos pensamentos, os nossos comportamentos respondem ou ao critério da angulosidade ou da curvilinearidade... e na vida como nos sentimentos se esbarramos numa aresta magoamo-nos mas se, pelo contrário, encontramos uma curva com certeza é maior a possibilidade de procedermos sem choques muito violentos... A aresta penetra, pica, incide, enquanto a curva acompanha, adapta-se, abre-se...

Também a nossa vida conjugal é um quebra-cabeças de arestas e curvas: as arestas às vezes são talvez mais estimulantes porque a ponta faz disparar a resposta reactiva e, de qualquer forma, impede a passividade sonolenta de dias todos iguais, porém a curva... a curva é mais repousante e acolhedora! Pena sermos todos mais hábeis e versados em desenhar com as vozes, os gestos e as palavras, muitas arestas, mas permanecemos, durante um tempo longo demais, estudantes para aprender a desenhar a vida com gestos curvilíneos. E, no entanto, na outra noite, devo reconhecer, fizeste-me experimentar realmente a tranquilizadora sensação de ser acolhido e protegido por ti da mesma forma como o nicho da parede na igreja: o teu olhar de amor e os teus braços acolhedores foram porto seguro para o meu abatimento e a minha fadiga.

O dia havia sido daqueles que é melhor esquecer devido aos contínuos compromissos de trabalho, o trânsito de Roma, enlouquecido como sempre fica todas as quartas-feiras por ocasião do enorme fluxo de autocarros que chegam para as audiências do Papa... mas tudo teria sido suportável se não

tivesse chegado aquela carta do juiz que me convocava a responder a um processo por não ter cumprido de forma adequada os compromissos assumidos com uma minha prima portadora de deficiência. Era uma triste história ligada a uma casa que o meu tio me havia deixado de herança. Uma carta muito bonita do meu tio explicava o porquê deste presente: o facto de eu ter sempre cuidado da Laura, de não os ter deixado viver sozinhos este drama das suas vidas, a certeza de que, com Maria Carla, teríamos continuado a ocupar-nos da Laura que, mesmo internada numa instituição distante cerca de 60 km de Roma, demonstrava grande alegria ao rever alguém da sua família. Mas eis que agora alguns parentes da sua segunda mulher me acusavam de maneira injusta e falsa por esta falta, negar todo o empenho que tive em ajudar a minha prima e todo o meu carinho por ela! Desde sempre, desde quando Maria Carla e eu éramos noivos, e depois nos tantos anos que se seguiram, me ocupei sempre dela... quantos sábados passados na instituição para visitá-la, quantas vezes fomos com os nossos filhos fazer companhia a Laura e passávamos as horas brincando com ela e com as outras pessoas internadas naquela instituição, algumas realmente esquecidas por todos... e depois todo o tempo despendido para acompanhar o processo para que recebesse a reforma por invalidez e o estarmos sempre atentos a tudo que pudesse precisar, substituindo-me cada vez mais a meu tio que ia ficando cada vez mais velho... E agora aquela citação que negava tudo isso, aliás me acusava do contrário, isto é, de não ter cuidado dela: uma punhalada como somente uma aresta muito afiada podia provocar! Depois do primeiro susto e da primeira raiva instintiva, olhamo-nos e permanecemos em silêncio. Não havia palavras para explicar aquela dor tão aguda, aquela injustiça tão grande; depois tu olhaste-me com serenidade, abraçaste-me e disseste-me “não te deixes vencer por tanta dor, a verdade encontra-se nas coisas que tens no coração. Perante o Senhor esta citação é apenas papel sem nenhum valor”. E assim ficamos alguns minutos, abraçados e em silêncio, e na união daquele silêncio pedimos ao Senhor para não acrescentar outros sentimentos negativos a esta triste história, mas de ajudar-nos a permanecer serenos e livres na transparência do coração. Também um abraço é o nicho ideal para receber conforto, suporte, amparo: os braços, primeiro abrem-se para acolher e depois fecham-se para guardar, defender e cuidar de quem se entregou àqueles braços. O rosto de quem abraça baixa-se até ao outro quase para lhe fazer sombra, para protegê-lo ainda mais, para que luzes ou gestos ou palavras não tornem mais pesada a dor.

Um abraço juntos, entregues ao Senhor, como um nicho de amor!

Também este abraço pode ser oração.

Uma pia de água benta

Alguns colecionam pias de água benta e, para dizer a verdade, existem algumas muito lindas; antigamente o primeiro gesto que se fazia quando se entrava numa igreja era o de molhar a ponta dos dedos com a água benta e de persignar-se fazendo o sinal da cruz, hoje, pelo menos na Itália, as grandes pias de água benta quase não existem nas igrejas ou, melhor, tornaram-se frequentemente apenas objectos de arte colocados ao lado da porta, porém sem água, vazios. E, no entanto, aquele gesto, muitas vezes apressado e automático, trazia consigo a simbologia de um retorno às raízes mais profundas: a água que nutre a terra e que dá vida, mas também a água dona da vida que destrói tudo, mais forte que as raízes de árvores seculares, mais impetuosa na sua passagem do que o fogo que se alastra, a água dominadora e dona da vida, mas também a água do baptismo que purifica tudo... a água das lágrimas que consegue comunicar aquilo que as palavras às vezes não conseguem expressar... a água que refresca e dá alívio... a água que jorra de fontes milagrosas das quais se aproxima quem crê e quem não crê...

A água pedida por Jesus na cruz: “tenho sede”, a água pedida à samaritana na beira do poço: “dá-me de beber”... a água parece satisfazer a sede da vida... e não são precisas palavras para dar ou receber água... é um gesto de solidariedade profundo, ou um gesto de fé, é um gesto feito em silêncio porque, quando a água nos reaproxima das raízes da nossa existência, ou nos recorda que a Palavra de Deus nos pode saciar “*Ao que tiver sede, Eu lhe darei a beber gratuitamente, da nascente da água da vida*” (Ap. 21, 6), esta torna-se não só fonte de vida, mas contém a dimensão e a presença do Absoluto divino.

Estou aqui, em frente à porta da UCI de um hospital romano onde está internado um nosso tio que há alguns dias entrou num sono de onde não despertará. Há aqui muita gente, mas também muito silêncio e respeito pela dor de cada um porque em frente à porta da UTI estão apenas aqueles que esperam encontrar quem está mais perto da morte do que da vida. Para visitar cada doente só entra uma pessoa de cada vez, ou no máximo duas, durante uma hora por dia, é preciso revezar-se à cabeceira dos doentes para não perturbar aquele sono anómalo que intimida; para entrar precisa-se pôr uma bata, protecção para os pés, máscara... tudo deve ser feito com cuidado porque o limite entre a vida e a morte é tão frágil... até nós que estamos vivos, que estamos bem, naquela sala de espera entramos numa dimensão diferente: o barulho da vida está longe e a presença de alguma coisa infinitamente maior do que nós é tangível...

Quando entro e me encosto à cabeceira do meu tio, tomo-lhe a mão e falo-lhe das coisas que aconteceram, lembro-lhe os bons momentos que vivemos juntos... todos os que estão lá, cada um junto à pessoa amada, guardiães daquelas vidas suspensas, falam como eu muito baixo, contam trechos de vida, mantêm diálogos surreais a respeito de almoços em casa ou de episódios da vida escolar ou de encontros de amigos, são pequenos pedaços do que são feitos os nossos dias e, insignificantes em si, tornam-se um presente precioso para levar à pessoa amada para que ela se sinta ainda entre nós... Estes murmúrios, estes sussurros que falam de coisas tão pequenas e tão íntimas, criam uma cumplicidade estranha entre nós e a pessoa doente, entre a vida e a morte. Ao lado do meu tio está hoje um novo paciente, é um homem jovem, não tem mais do que quarenta anos e tem duas meninas de 8 e 3 anos... li sobre ele no jornal: chegou aqui depois de uma violenta queda em consequência de uma briga no estacionamento... está em coma desde aquele instante: uma vida deitada fora por um estacionamento... A mulher não lhe fala, faz-lhe pequenos sinais de cruz por todo o corpo, molhando-o com água talvez benta... e depois pára, com a mão sobre o seu coração e olha-o, olha-o, olha-o sem conseguir dizer uma palavra, sem receber nenhum sinal de resposta... o olhar daquela jovem mulher é tão intenso, tão carregado de dor e de amor que nenhuma palavra o pode expressar e eu acho que ali, naquele olhar silencioso passa o Mistério, passa o Infinito e passa Cristo. Este gesto não é oração?

Um ramo de noiva

Antigamente era costume todas as noivas deixarem o seu ramo junto ao quadro ou à imagem de Nossa Senhora, como confiando-Lhe a sua vida futura de esposa e mãe; hoje o ramo atira-se para as amigas para desejar um novo casamento. É verdade que, entre as muitas coisas que tornam um casamento pessoal, o ramo de noiva tem um significado particular: o noivo escolhe-o com cuidado porque é, de facto, o último sinal de amor e a última homenagem floral que fecha um tempo especial, o do noivado; às vezes é o próprio noivo que o entrega na casa da noiva, é o último objecto que a noiva toma nas mãos, após o longo ritual do vestir, antes de sair de casa e segura-o enquanto se dirige para a igreja. Naquelas flores que segura nas mãos parece que passam todas as emoções e as inquietudes do coração; mantém-no ao seu lado durante a cerimónia e logo volta a segurá-lo nas mãos e a seguir coloca-o na mesa do Copo de Água... até ao momento de deixá-lo, e este gesto parece realmente simbolizar um tempo que termina e um novo tempo que se abre. Quantas mulheres viveram tudo isso no dia de seu casamento e, depois, lembram com carinho o seu ramo de noiva.

Algumas deram-no de presente a uma amiga, outras guardaram-no em casa, após terem cuidadosamente secado as flores, outras ainda colocaram-no frente a uma imagem de Maria como fez a desconhecida que entrou nesta igreja. O ramo de uma noiva evoca o sorriso: que noiva não o recebeu, guardou, segurou na mão, com olhos resplandecentes de amor?

Olhos que falam de amor: já observaram o olhar que passa entre dois noivos no dia do seu “sim”? Nunca tiveram a sensação de que naquele olhar está presente o universo inteiro na sua forma mais bela, de que naquele olhar não há lugar para nada mais do que o amor, no seu melhor sentido, mais profundo, mais absoluto?... Já pensaram que naquele olhar de amor entre dois seres que se comprometem a partilhar a vida em nome do amor e em nome de Deus, naquele olhar está realmente presente o Absoluto: o Absoluto do Amor humano e divino!

“Só há poucos meses tivemos a grande alegria de viver o matrimónio do nosso primeiro filho e talvez porque estamos ainda tão cheios da emoção daqueles momentos, que aquele ramo de noiva deixado aqui nesta igreja tanto nos tocou, levando-nos àquele dia que gostaríamos de reviver mil vezes, sabendo no entanto que por ser único e não repetível o torna tão especial para o nosso coração.

Os dois noivos, muito belos como o são todos os nossos filhos e todos os noivos naquele dia, tinham, porém, aos nossos olhos algo especial, uma cumplicidade incrível de amor entre eles: olhavam-se de forma especial e sorriam um para o outro sem parar. Em todas as fotos está presente este olhar resplandecente e este sorriso que era um dom recíproco e contínuo. Por vezes os casamentos são caracterizados mais por lágrimas de emoção que por sorrisos: o casamento do nosso filho foi marcado por um sorriso contínuo que, pouco a pouco, contagiou todos os que estavam presentes, fazendo-nos viver a todos um clima de tão profunda alegria que se podia sentir verdadeiramente a presença do Amor de Deus através da graça do sacramento do matrimónio.

Ainda hoje, depois de alguns meses, quem estava presente naquele dia não se pode deixar de lembrar da luminosidade daqueles olhares de amor; sem palavras e com toda a presença de Deus Amor num olhar entre dois jovens! Portanto a presença de Deus como realidade de Amor deveria acompanhar toda a vida conjugal... certamente, é impensável acreditar que se possa viver uma vida inteira, dia após dia, com as inúmeras dificuldades que a vida apresenta, olhando-nos sempre com a mesma expressão de amor; mas este sentido de dom, este sentido de confiança no outro, a cumplicidade de pensamentos e de sentimentos, avançar na certeza de que Deus está

conosco, tudo isto não deveria reflectir-se nos nossos olhares, e fazer ressoar na profundidade mais íntima e silenciosa de nossa alma, o grito impetuoso da boa nova anunciada por Deus para cada um de nós? O Padre Caffarel dizia que “há uma cegueira de alma que é fatal ao amor; por vezes olhamos, mas com olhos mortos e não vemos a beleza da pessoa que conquistou o nosso coração, assim o amor apaga-se como a chama que consumiu todo o óleo da lâmpada”. Lembrava a necessidade de estarmos, perante o nosso cônjuge, sempre tomados por uma curiosidade insaciável: não a curiosidade indiscreta que é a violação da intimidade, mas a curiosidade daquele que afirmava: “Estou inclinado sobre um abismo, sobre um mundo sepultado e com o meu olhar interrogo a sombra e às vezes deixo cair nela uma pedrinha para despertar o eco da profundidade”. Porque dentro de cada um de nós existe a beleza da qual talvez tenhamos perdido a lembrança: esta imagem de Deus, mais ou menos escondida mas indelével que, para ser redescoberta, requer um olhar de grande pureza. Este olhar que penetra e reflecte o amor de Cristo em toda a Sua ternura lemo-lo nos olhos de dois apaixonados, nos olhos de um casal recém-casado... Por que é que, depois, deixamos que com o passar dos anos, com o tempo da vida que passa dia após dia, se torne ofuscado, embaçado e escurecido? Por que não fazer dos nossos olhares de amor orações de agradecimento? Por que não rezar todos os dias com Santo Agostinho: “Vem a mim, Espírito Santo, Espírito de Sabedoria e dá-me o olhar e o ouvido interior; para que eu possa ver e escutar o Absoluto que mora em cada homem”.

Uma fresta num banco e uma fenda na madeira

O dedo corre ligeiro sobre a fenda do banco e acompanha o seu percurso procurando perceber a sua profundidade, como quando um dedo se desloca levemente sobre os veios de um tronco de árvore procurando descobrir a linfa vital... como quando os nossos dedos se movem atentos ao longo das linhas do nosso rosto... estamos em frente ao espelho e procuramos ler os sinais do tempo ou talvez para ler e reencontrar simplesmente a história da nossa vida que está ali toda desenhada: no nosso olhar, nas linhas dos cantos da boca, nos sulcos e rugas da testa...

Uma fresta esconde sempre algo desconhecido. Pensem, por exemplo, na vida que vibra debaixo daquela pequena fenda que é a abertura de um formigueiro! Pensem como, no muro do silêncio hostil de uma pessoa que sofre, basta abrir uma fresta com uma só palavra para deixar jorrar o mar de dor contido naquela alma.

Alguns versos muito bonitos do poeta italiano Eugénio Montale (*Os limões*) que com poucas palavras, definem a possibilidade de uma vida inteira:

*“Vês, nestes silêncios em que as coisas
se entregam e parecem prestes
a trair o seu último segredo,
por vezes é-nos dado
descobrir um defeito da Natureza,
o ponto morto do mundo, o elo que não prende,
o fio a desembaraçar que enfim nos ponha
no centro da verdade”*

A nossa vida mergulhada num barulho contínuo fez-nos perder o hábito do silêncio e, sobretudo, fez-nos perder a capacidade de perceber a voz do silêncio, que é frequentemente a voz da nossa vida interior e, portanto, aquela que deveríamos escutar com maior atenção e consciência.

Escutar não é só ouvir, na realidade, achamos que somos capazes de escutar apenas porque ouvimos as vozes de quem nos fala e entendemos o que nos dizem...mas o verbo *auscultare* que vem de *auscluere*, isto é, do sufixo *aus* + o verbo *colere*, significa exactamente *colher com a orelha, pôr-se à escuta* e isto implica uma atitude de atenção leve mas profunda, de delicadeza, de interesse concentrado mas não sufocante...como é difícil escutar de verdade! E como é difícil colher, no mar de barulhos, o acto, a palavra, o olhar que revestem o verdadeiro sentido de uma comunicação que não quer ser apenas informação, mas expressão daquilo que está presente na nossa vida interior ou na profundidade do coração de quem nos fala: a fresta, a fissura, *o defeito da Natureza* de que Montale nos fala, *o elo que não prende, o fio a desembaraçar* que nos conduz e nos aproxima finalmente da verdade.

Há alguns anos que trabalhamos juntos no âmbito da consultoria familiar e conjugal: o nosso desejo era transformar todo o património recebido do Movimento das ENS, aproximando centenas de casais, abordando as problemáticas da vida familiar e conjugal, reflectindo sobre as páginas do Evangelho e procurando os sinais de Deus na nossa vida, num serviço não só para dentro do Movimento. Empreendemos assim um percurso de estudos de quatro anos, não sem alguma dificuldade em conciliar mais uma vez os vários compromissos da nossa vida, com este do estudo. Mas chegamos à meta e agora trabalhamos nos centros de consultas católicos ao serviço de pessoas, de casais e de famílias que trazem as suas necessidades, as suas dificuldades, os seus sofrimentos, na esperança de encontrar uma resposta às suas dúvidas: porque me aconteceu isto? porque estou mal? porque não

consigo realizar o que desejo? porque não sou capaz de amar? porque não me sinto amado?

As perguntas são na realidade tão carregadas de emoções intensas, de experiências dolorosas, de desorientação, que a única resposta possível, é ensinar a ficar conscientes de tudo o que vivemos e tornar-nos mais fortes para saber enfrentá-lo. Quando começamos a encontrar-nos sozinhos diante das pessoas, os anos de escola e, principalmente, a experiência no campo, libertaram-nos aos poucos da tentação de encontrar sempre respostas, da ansiedade de identificar o problema para encontrar a solução, da angústia e da preocupação de deixar que longos silêncios encham o gabinete e nutram o diálogo. Uma experiência em particular foi para nós a mais convincente. Um dia, uma mulher de trinta e seis anos chegou a um encontro marcado não para ela mas para a sua mãe, informou-nos que a mãe não poderia vir e que ela havia sentido a necessidade de vir em seu lugar, mesmo nunca tendo pensado nisso. Depois da primeira troca de palavras foi-lhe feita a pergunta chave: “Queres dizer alguma coisa em particular? Queres contar alguma coisa de ti e da tua vida?”

A pergunta chegou-lhe como a fresta no banco, como a fenda sob a qual se quebra o mistério, como as rugas que escondem toda a nossa vida, como a laceração no flanco de Cristo na cruz, como um rio transbordante, mas com um tom quase monocórdico e distante começou a falar de si mesma e da sua experiência de vida, uma experiência de violência, de abandonos, de traições e de imensa solidão. As palavras desta mulher chegam como socos no estômago: que se pode fazer e dizer perante o seu insuportável sofrimento? Mas ela mesma quando lhe perguntamos “por que vieste aqui? O que esperas? Respondeu-nos com lucidez: “não peço nada, não saberia o que pedir, sei que tudo o que aconteceu não pode ser apagado... sonho com uma casinha branca, como aquela da televisão e queria ficar lá para sempre... quando entreabri a porta deste pequeno gabinete onde reina a penumbra, senti que talvez aqui, longe de tudo o que faz parte da minha vida, me possa sentir como se estivesse dentro da casinha branca e possa finalmente ouvir o som das minhas palavras que exprimem a minha solidão e a minha angústia interior”.

*Praticamente foi ela que nos disse o que fazer: continuar simplesmente a escutá-la, olhando-a na profundidade da sua alma, não procurar respostas que não existem, não a encher com outras palavras inúteis, doar-lhe o nosso silêncio de atenção e de escuta, fazer-lhe sentir todo o nosso ser que partilha a sua dor e mais uma vez uma frase do padre Caffarel vem ao nosso espírito: **“há um olhar que escuta e isto também é oração: tornar-se presente ao Deus presente”.***

O olhar penetrante de uma imagem de Cristo

O rosto de Cristo que chamou a nossa atenção naquela igreja em que entramos, não era um rosto sofrido e encovado, marcado pela dor, mas antes um rosto sério, quase severo cujo olhar parecia que te interrogava sem te deixar espaço para muitas escolhas: “em que ponto da tua vida te encontras? que nome dás às coisas que fazes? Que sentido e que valores orientam as tuas escolhas? na tua vida que fidelidade e coerência existem entre os teus pensamentos, a tua fé e as tuas acções”?

É um olhar que não te deixa mesmo que te vires para o outro lado, sentes que ele está fixo em ti... não é inquiridor e não é julgador, é simplesmente interrogador. Também em nossa casa, no nosso quarto, temos um quadro com um Cristo menino, uma reprodução do Murillo feita pelo meu pai, a que estamos muito ligados, e que tem o mesmo olhar: segue-te se te deslocas, parece que se mexe quando mudas de posição, e neste caso fica ainda forte o contraste entre as feições infantis do Menino, os seus caracóis escuros, e este olhar adulto que parece querer lembrar-te sempre da necessidade de viver a fé de forma consciente e adulta, de procurar no Cristo, mesmo na sua imagem de menino, as respostas adultas e responsáveis: “se te interrogas sobre o sentido da vida, não dês respostas sem sentido, não dês respostas infantis, não cedas a compromissos fáceis, não faças dos teus limites e das tuas dificuldades álibis para não crescer”.

Uma pessoa que crê sabe, sem sombra de dúvida, que Deus está sempre presente na sua vida, a Sua voz chama-nos pelo nome, Ele vê e sabe tudo sobre nós. Ele conhece tudo o que está dentro de cada um de nós: cada sentimento, cada pensamento, cada disposição, cada alegria, cada uma das nossas forças e capacidades e todas as nossas fraquezas... é por isso que basta o Seu olhar para nos fazer sentir a descoberto. Demasiadas vezes, pelo contrário, se nos colocamos na presença de Deus, começamos um diálogo interior que na realidade é apenas um monólogo, uma vez que estamos bem preparados para pedir, mas pouco prontos para escutar. Há uma anedota de origem oriental que vale a pena escutar:

“Quantas discussões houve e ainda há a respeito de Deus. O que é que tu achas?”, perguntou um dia um discípulo ao grande mestre. “Estás a ver aquela abelha?”, respondeu o mestre. “Estás a ouvir o seu zumbido? Este acaba quando a abelha encontra uma flor e recolhe o néctar. Estás a ver esta ânfora? Agora vou despejar água nela. Estás a ouvir o barulhinho? Vai acabar quando a ânfora estiver cheia. E agora observa este biscoito que eu coloco cru no óleo fervente. Estás a ouvir como está a fritar e que barulho faz? Quando estiver

O OLHAR DE DEUS

bem cozido vai silenciar. Assim é com os homens. Até quando discutem e fazem um grande barulho a respeito de Deus, é porque ainda não O encontraram. Quem, porém, O encontrou fica calado e, no silêncio, adora e age”.

É, portanto, no silêncio que podemos encontrar o Senhor, um silêncio que, porém, não nos deixa parados no imobilismo da passividade, mas lança as bases para que nós possamos adorar, cantar, agir.

“Fizemos a experiência do silêncio profundo que talvez alguns de vocês conhecem: cinco dias de silêncio absoluto em que nem mesmo o bom dia pode ser dado, uma imersão total à presença de Deus, uma escuta da sua Palavra através da palavra escrita do Evangelho e uma escuta da sua Palavra através de uma descida cada vez mais profunda no nosso coração e na nossa alma. Inicia-se com exercícios de silêncio do corpo, poucos movimentos, ritmos de respiração quase desacelerados, vontade de não responder às solicitações do corpo, para prosseguir depois com o silêncio das emoções... esquecer as preocupações e as angústias, afastar as coisas que pesam na nossa vida, olhá-las com distanciamento até acreditar que não te pertencem; finalmente o silêncio do espírito... deixar de lado todo o pensamento, não se deixar levar pelos artifícios da razão que te leva onde ela quer; criar um vazio, deixar o campo livre, tornar tudo limpo e asseado... nada deve ser obstáculo à escuta de Deus e interferir com a sua voz...

Pode-se explicar uma experiência deste porte? Vou responder-lhes com uma historieta como se faz com as crianças, da mesma forma como nos responderam:

«Conta-se que os discípulos de Gibran estavam ocupados numa discussão sobre o ditado: “Quem fala não sabe, quem sabe permanece em silêncio”. Quando o Mestre entrou perguntaram-lhe o que queriam dizer aquelas palavras. O Mestre respondeu “Quem de vocês conhece o perfume de uma rosa?” Todos o conheciam. Então disse “Exprimam-no com palavras”. Todos permaneceram em silêncio.»

O silêncio na presença de Deus, à procura do Seu olhar: que oração pode ser maior?

Uma última coisa antes de fechar este encontro: dizer-vos aquilo que desde então trazemos dentro de nós e que talvez possa ser também o sentido desta jornada em que enfrentamos um tema tão fascinante e difícil de procurar a fonte que está dentro de nós, Cristo, através do olhar e do silêncio.

Trata-se de um versículo do Evangelho que nos deixaram ao fim daqueles cinco dias de silêncio absoluto e que para nós, ainda hoje, é a chave de muitas coisas, ponto de referência de muitas perguntas que não encontram respostas. **“E fixando nele o olhar, amou-o”.**

Não temos outras palavras que possam explicar o infinito que está contido no silêncio, a plenitude que está contida num olhar, a paixão do amor de Cristo que pode estar presente num olhar que escuta.

“E fixando nele o olhar, o amou”. Poucas palavras que desenhem os contornos de uma situação, aquela do contexto evangélico de referência, mas que podem constituir também os contornos de toda uma vida se a escolhermos viver dentro destes contornos.

“E fixando nele o olhar, o amou”: este é o olhar que se torna oração viva à qual se referia Caffarel quando dizia: **“há um olhar que escuta e isso também é oração: tornar-se presente ao Deus presente”** e este é o nosso presente de hoje para vós.

SE CONHECESSES O DOM DE DEUS



Padre Angelo Epis

Introdução

Tendo como pano de fundo o capítulo 4 do evangelho de João, procuramos ler a realidade que nos interpela e abrir-nos às provocações do Espírito no tempo de hoje. O evangelista diz: “Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço.” (Jo 4, 6). Vamos deter-nos um pouco nesta imagem para descobrir a vontade de Deus e a força renovadora do Espírito neste tempo. Parece-me que o percurso futuro da nossa viagem poderia sair deste ícone. Os tempos que vivemos, as provocações, as necessidades e os sinais podem ser lidos, compreendidos e realizados na medida em que saibamos acolher a presença de Deus e o seu desígnio para nós.

Ao olharmos a realidade que nos circunda, há muitas perguntas que nos colocamos sobre este momento particular da história, neste mundo e nesta Igreja em que vivemos: *Que vida conjugal e matrimonial suscita, hoje, o Espírito Santo? Como identificar, descrever e propor hoje o carisma do Padre Caffarel sobre o matrimónio e a sexualidade? Que formação e que vida para o matrimónio de hoje? Como descrever e construir as relações no matrimónio, entre os esposos, entre eles e a sua família e entre eles e a sociedade? Como reconhecer o que ofusca o dom esplêndido do matrimónio? As novas realidades que estão a nascer conduzem a algo de vital, por caminhos válidos e fiéis a Deus? Como designar o processo de vida em que estamos envolvidos?*

Como sempre, os desafios e oportunidades da graça que vemos hoje devem ter em conta certas fidelidades: a fidelidade ao homem e ao nosso tempo, a fidelidade a Cristo e ao Evangelho, a fidelidade à Igreja e à sua missão no mundo, a fidelidade ao sacramento do matrimónio e ao seu âmbito na Igreja e na sociedade.

A vida matrimonial, «hoje mais global que nunca, sente-se desafiada por novos fenómenos, entre os quais ressaltamos os seguintes:

1) a globalização com as suas ambiguidades e os seus mitos; 2) a mobilidade humana com os seus fenómenos migratórios e os seus processos acelerados; 3) o sistema económico neo-liberal injusto e desestabilizador; 4) a cultura da morte e a luta pela vida com todos os desafios da biotecnologia e da genética; 5) o pluralismo e a desigualdade crescente; 6) os aspectos da mentalidade pós-moderna; 7) a sede de amor e a ‘desordem amorosa’ e afectiva; 8) a sede do sagrado e o materialismo secularizado. Estes desafios colocam-nos num campo de tensões e forças opostas que não podemos esquecer nem negligenciar. É necessário descobrir para onde nos conduz o Espírito neste ‘*novo millenio ineunte*’: que oportunidades nos oferece para crescer, inovar e recomeçar; que decisões práticas ele nos inspira para crescer e fortalecer-nos; para que processos de formação nos lança; que dificuldades ou obstáculos devemos enfrentar.»

Esta realidade, que colocamos em discussão, não apaga a nossa esperança. O nosso tempo é o tempo do Deus da Aliança, do Deus “sempre maior”, que com os seus dons supera os nossos desejos. Os momentos que vivemos pedem que não hesitemos. As novas situações e os novos desafios são lugares em que Deus nos fala. As novas realidades pedem novas respostas. As respostas devem ser bem enraizadas no quotidiano e na vida real, “mas também devem nascer e serem alimentadas pelo contacto com a sabedoria de Deus, com a sua Palavra que nos atinge e ilumina, provoca, educa, purifica, guia e oferece novas inspirações. É o momento de escutar a sua voz”.

O tempo em que vivemos não é dos melhores; mas também não é dos piores. É o nosso tempo: aquele que devemos viver e enfrentar com uma fé que age graças à caridade e torna possível toda a esperança.

No capítulo 4, João evangelista conduz-nos ao encontro do mistério de Cristo. O Seu conhecimento não pode ser objecto de uma simples definição. Por meio das palavras que deixam evidentes as necessidades da samaritana desvelamos o mistério daquele que desceu até nós para nos elevar à glória do Pai. Do abismo da necessidade de água, que também envolve Jesus, a mulher é elevada ao papel de missionária e de testemunha. Solitária e intimidada pela sua situação, passa a promotora de uma comunidade que não se reúne ao redor das suas experiências ou das suas fraquezas, mas ao redor daquele “que me disse tudo o que eu fiz”. Confiamos à samaritana a tarefa de nos seguir e nos guiar àquela forma particular de amor a que chamamos matrimónio. A samaritana não tem nome, talvez para nos lembrarmos que o seu nome podia ser o nosso e a sua sede a nossa que nos conduz à fonte do amor: Jesus. Não nos colocamos como espectadores de um filme, mas protagonistas de um evento em que o artesão modela a nossa vida em todas as suas dimensões.

- Jesus em viagem: a vida como caminho na vontade do Pai

Através de vários diálogos o texto mostra-nos um Jesus próximos dos homens, que anda nos seus caminhos. A primeira cena é a caminhada de Jesus com os seus e o descanso no poço esperando a humanidade sedenta. A cena é introduzida pelo verbo “tinha” de atravessar a Samaria. O verbo exprime por um lado a vontade de Jesus a evangelizar também a Samaria, e por outro a sua adesão à obra do Pai. A presença de Jesus e a boa nova do Reino são-nos dadas, mas o reconhecimento e a compreensão dependem de uma transformação pessoal. De fato, o texto é caracterizado por uma manifestação progressiva de Jesus, e pela descoberta cada vez maior que fazem dele primeiro a samaritana, depois os discípulos e por fim as pessoas da aldeia. As várias personagens reconhecê-lo-ão na medida em que se deixam transformar.

O encontro acontece na caminhada do homem feito de necessidades como a fome, o repouso, a sede. No quotidiano este encontro é lugar de formação e de crescimento, mas deve ser um encontro que transforma.

- Um caminho de verdade e de busca

Na viagem quotidiana ao poço da samaritana acontece o encontro com a misteriosa personagem que, pelo seu lado, precisa dela: tem sede, mas não tem um cântaro à mão. A viagem quotidiana e cansativa da mulher leva-a ao encontro da necessidade doutra pessoa. A história desta mulher, marcada por tantas faltas, não será um obstáculo para o encontro com Jesus. Na história que vivemos caímos em numerosas faltas do ser humano nos vários domínios da vida. Quando tocamos nos temas do matrimónio e da família, encontramos nas nossas diferentes culturas inúmeras carências; o texto parece querer dizer-nos que não é por causa destas que devemos parar, mas sim procurar com coragem a verdade que vem de Jesus. Na medida em que o encontramos, saímos transformados. No entanto, devemos deixar a maledicência para nos abriremos na verdade àquele que nos conhece profundamente.

- A nossa história (60 anos da CARTA das Equipas de Nossa Senhora)

A história do nosso movimento não pode passar indiferente a Jesus sentado na borda do poço da humanidade para nos encontrar e para verificar o caminho percorrido até ao presente. Jesus, centro vivo dos nossos encontros, da Igreja que somos, oferece-nos neste tempo a oportunidade de sairmos das águas enganadoras da bonacheirice. Qualquer que seja a parte da história em que vivemos, o bom pastor conhece os pastos para onde nos leva. Ele conhece o

caminho que dá valor às nossas exigências: “Se conhecesses o dom de Deus...” Após 60 anos da Carta das equipas é útil perguntar se ainda está forte a consciência do dom de Deus que nos foi dado, se somos guardas de um museu ou testemunhas da água viva que vem de Cristo.

– **“Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço” (Jo 4, 6)**

Submeter-se à vontade do Pai é cansativo. Jesus submeteu-se completamente, mas começa a sentir a fadiga e por isso senta-se na borda do poço. João usa uma preposição ambígua (epi) para definir o lugar em que Jesus se senta. Esta preposição podia indicar os tijolos que formam o poço, mas também “em cima”, ou “à volta” do poço, ou que ele mesmo é o poço. Além disso o evangelista indica a hora: “Era por volta do meio-dia”. Mencionar o lugar em que Jesus se senta e a hora, faz-nos lembrar o momento em que Pilatos se refere a Jesus como “o vosso rei” (Jo 19, 13). Parece quase aludir à entronização de um rei.

A imagem do poço é muito cara às Escrituras e aos padres da Igreja. Ela lembra-nos que à volta dos poços combinam-se as núpcias: o servo de Abraão combina o casamento de Isaac no poço, Jacob encontra Raquel no poço, Moisés encontra a futura esposa no poço. A alusão ao poço tem uma forte conotação nupcial. Estamos no mundo do simbolismo.

O poço, porém, é sobretudo o poço das Escrituras. Elas são a água viva que põe o homem em comunicação com Deus. Qualquer pessoa que queira encher-se do Espírito, deve frequentar assiduamente as Escrituras.

– **“Quando vier, há-de fazer-nos saber todas as coisas” (Jo 4, 25)**

A realidade que nos desafia e os obstáculos que nos paralisam, devem ser esclarecidos pela luz e pela força da Palavra de Deus. “É frequentando a palavra de Deus que recebemos a luz necessária para o discernimento individual e conjugal que nos ajuda a procurar nos sinais dos tempos os caminhos do Senhor”. A Palavra ajuda-nos a discernir a vontade de Deus – “o que lhe é agradável, o que é perfeito” (Rm 12, 2) – e os seus caminhos nos sinais do tempo e ajuda-nos a agir com fidelidade e *sabedoria*.

O episódio do diálogo com a Samaritana em João situa-se no contexto das primeiras reacções face a Jesus: a do judeu Nicodemos que quer saber com clareza, mas que resiste em parte por causa do seu cepticismo (Jo 3, 1-21); a da samaritana que se deixa fascinar e guiar pela novidade (Jo 4, 1-42); e a do funcionário pagão que se converte com toda a sua família (Jo 4, 46-54). Na tradição, o capítulo 4 do evangelho de João é considerado uma grande catequese

baptismal. Na caminhada da sua vida a samaritana encontra Jesus (Jo 4, 1-42). Jesus, casando da viagem, está sentado na borda do poço de Jacob; movido pelo amor mendicante de Deus Pai e desafiando os preconceitos do seu tempo (Jo 4, 27), começa a conversar com a mulher e pede-lhe água. Esta resiste de início, mas Jesus não se irrita; a conversa desenvolve-se ao longo de sete respostas que a mulher dá e sete frases de Jesus. O diálogo toca o coração dos dois. O próprio Jesus envolve-se profundamente, pede-lhe que creia nele e fala-lhe do culto verdadeiro em espírito e verdade (Jo 4, 23-24). Chega mesmo a confiar-lhe o segredo mais íntimo da sua pessoa e anuncia-lhe que ele é “o Messias que deve vir” (Jo 4, 26). A mulher percebe imediatamente a força das suas palavras e a profunda atracção da sua pessoa. Ela descobre aos poucos o mistério daquele homem que lhe oferece água viva e a possibilidade de uma nova relação com Deus, muito além do culto institucionalizado e praticado na montanha ou no templo.

Esta mulher traz no coração uma história de relações feridas. Talvez vá ao poço numa hora morta para não ser vista. Certamente conhece alguns elementos das práticas religiosas, mas precisa de algo novo e mais profundo. Quando o encontra, torna-se uma outra pessoa. O vazio da sua vida é bem simbolizado pelo cântaro. Jesus percebe o mal-estar interior que o seu passado aventuroso causa. Jesus revela-se à medida que desvela as perturbações da mulher. Ela transforma-se e passa da ironia à sedução que a desarma, do vazio à plenitude que a entusiasma. Torna-se meditativa e confiante, porque o misterioso mestre não a condena, mas fala-lhe com palavras novas que vão directamente ao seu coração com sede de relações intensas. O encontro com Jesus transforma-a em mensageira: corre para a cidade e chama os concidadãos anunciando-lhes um “Messias” (Jo 4, 29) que conhece sem condenar e que orienta a sede para a água que jorra pela vida eterna (Jo 4, 14). O cântaro, símbolo da sede humana e de afectos que não eram suficientes, agora é inútil. A mulher abandona-o (Jo 4, 28). Enquanto isso, Jesus anuncia aos seus discípulos que o campo está pronto e é tempo da ceifa (Jo 4, 35-38). A mulher suscita na cidade a fé em Jesus e conduz os concidadãos para Ele (Jo 4, 39).

Nesta passagem bíblica descobrimos o ícone da nossa vocação, como experiência de encontro com Jesus e compromisso com o anúncio do Evangelho. No lugar do encontro – totalmente sem sinais sagrados –, o diálogo abre o coração para a verdade; revela e cura. Em Jesus Deus mostra-se frágil e com sede. A sede de Deus encontra-se com a sede da mulher, com a nossa sede. Aquele que pede de beber está pronto a oferecer uma água nova e eterna que regenera e transforma a vida. A relação torna-se jogo e olhar, confiança e renascimento. Jesus não teme a humanidade inquieta. A sua tranquilidade e liberdade interior permitem que esta última, representada pela mulher, dance ao

ritmo da sua própria inquietação até encontrar a água viva que jorra para a vida eterna. A sede de Jesus e a sede da mulher são o fio condutor de um diálogo libertador que cura as feridas internas, até aí incuráveis e que os preconceitos raciais e religiosos tornaram mais penosas. O amor “indigente” de Deus, em Jesus pede-nos de beber – a nós, humanidade inquieta – e oferece-nos gratuitamente a água da vida.

Nós vemo-nos reflectidos na mulher; muitas vezes, de facto, nós também somos feridos nas nossas relações, com sede de verdade e autenticidade. Descobrimos que somos incapazes de compreender os nossos afectos, onde se esconde o nosso coração aflito. Meditando neste texto, podemos iluminar a nossa vida com a palavra. Jesus gosta das situações simples e comuns da vida, as que se transformam em momentos especiais, de graça e de revelação. A capacidade de convocação desta mulher que tem uma história sórdida surpreende-nos; ao mesmo tempo ensina-nos a ter confiança nas pequenas coisas e nos recursos limitados. Os preconceitos com que os discípulos olhavam a cena (Jo 4, 26-27) revelam uma mentalidade mesquinha que está presente ainda hoje. É a serenidade do próprio Jesus, nascida da consciência da sua missão, que lhe permite esperar pacientemente a pergunta certa e o momento da total confiança. Os discípulos voltam à cidade para comprar comida; a mulher volta à cidade, só, mas fará com que muitos samaritanos sigam o caminho da fé no “salvador do mundo” (Jo 4, 39-42).

Pistas de reflexão:

- 1. *Que espaço ocupa a Palavra de Deus na leitura dos factos pessoais e na história que vivemos?***
- 2. *Que novos domínios acham que devemos privilegiar como estudo, como missão, como experiência de equipas nas circunstâncias e nas culturas em que vivemos?***

– Mulher, acredita em mim" (Jo 4, 21)

Na parábola escutamos as palavras que Jesus dirige às personagens e assistimos à sua acção criadora e renovadora sobre eles. Ele é o verdadeiro protagonista e o que guia a cena, o que “projecta” as estratégias do encontro. A samaritana, como a argila, é modelada bem devagar, com paciência e, assim como o primeiro *adão* que recebeu o sopro de Deus que o transformou num ser vivo (Gn 2, 7), a mulher recebe a água da vida.

No diálogo com a mulher, Jesus mostra-se ora como bom pastor, ora como amigo, ora como mestre. O seu encontro molda de um novo jeito aquela argila que se tinha tornado um caos. A formação desta mulher não passa por uma metodologia fria, mas por uma relação profunda capaz, através das suas intervenções, de tocar as cordas mais íntimas da vida. Então, o encontro formativo não se revela como uma realidade distante, uma metodologia para ser usada, mas como uma relação renovada. Ela sabe alcançar a sintonia profunda de quem foi capaz de se rebaixar à própria sede para fazer brotar uma sede nova.

A acção formativa de Jesus não se limita à samaritana, pois atinge também os discípulos, que não suspeitavam aquele encontro misterioso. Eles são convidados a levantar o olhar para os campos prontos para a ceifa. São convidados principalmente a compreender a verdadeira comida: “a vontade do Pai”.

Penso que também os nossos percursos de formação devem ter constantemente estas implicações. Não se devem reduzir a intervenções para manter o método, mas devem ser estratégias capazes de entrar em sintonia com as pessoas para reforçar as relações positivas já existentes e, ao mesmo tempo, para propor estratégias capazes de responder às novas exigências de relação.

Pistas de reflexão:

1. *Que domínios de formação acham que são mais urgentes nos vossos países e culturas?*
2. *Que característica dominante assumiram as vossas equipas: de amizade, de formação cristã, de pesquisa e estudo, de caminho de fé conjugal...?*

– “Isaac abriu novamente os poços” (Gn 26, 18)

Na história dos patriarcas, e sobretudo a propósito de Isaac, é ressaltado que, por inveja a Isaac que podia usar livremente os poços que ele mesmo escavava, os filisteus recobriam de terra os poços, tentando fechá-los. Os poços são fechados, segundo Orígenes, por aqueles que querem entorpecer as águas com as suas preocupações carnis de auto-afirmação herética: é necessário o discernimento quando se tira a água.

O mestre Orígenes diz:

“Não paremos de escavar poços de água viva com Isaac, mesmo que os filisteus nos assediem e briguem connosco. Procuremos não nos cansarmos de escavar poços com ele, de modo a podermos também dizer: bebe a água dos teus cântaros e dos teus poços. E procuremos escavar tanto que saia água em abundância nas nossas praças, para que o conhecimento da Escritura não sirva apenas para nós, mas também para a instrução dos outros e que bebam os homens e bebam também os rebanhos”.

“É muito grave o pecado desses filisteus – adverte Orígenes –, mas é tão grave deixar-se desencorajar por causa da fúria e parar de escavar os poços com os patriarcas que estão no livro do Génesis”.

O facto de que alguns entorpecem as águas e pretendem que o sentido das Escrituras seja apenas o literal, não deve no entanto, impedir-nos de escavar, de continuar a discernir, a procurar a água viva que sempre se esconde dentro desses poços.

A insistência de Orígenes em manter a constância de Isaac em escavar poços para vencer a acção poluidora dos filisteus, faz com que continuemos no mundo a buscar novos poços para escavar. O desejo ardente do Padre Caffarel, a sua interpelação à Igreja acerca da riqueza do matrimónio, lança o nosso ardente desejo profético para o mundo de hoje. Onde escavar, onde tirar a água, a quem dar a água viva do amor conjugal. Orígenes indica claramente na Escritura o lugar



SE CONHECESSES O DOM DE DEUS

onde escavar; em todo o caso, ele não exclui, aliás incita a escavar na história dos homens, na vida da Igreja e, podemos acrescentar, no carisma do Padre Caffarel.

Sem dúvida é particularmente forte o problema da poluição das fontes da vida cristã, do amor conjugal, da missão dos cristãos na Igreja. É evidente que, numa sociedade que se expõe ao confronto com as outras culturas, este problema deve ser avaliado com objectividade, mas também vivido com a atitude correcta do crente. É a esperança que nos deve guiar e sobretudo a tomada de consciência sempre mais forte que é o caminho do diálogo, da paz, e também de atitudes conscientes e maduras na fé que nos fará ser testemunhas convincentes no mundo.

Pistas de reflexão:

1. *Que dificuldades vive hoje o matrimónio nas várias culturas; quais são as poluições mais evidentes e como viver estas situações?*
2. *Que novos poços e onde escavar para oferecer água viva à humanidade de hoje?*

– “Chegou certa mulher samaritana para tirar água” (Jo 4,7)

A samaritana que faz o seu trabalho quotidiano de tirar água do poço exorta-nos a não mantermos dentro de nós as relações feridas da vida conjugal. É preciso ter coragem de viver o cansaço do quotidiano e a coragem do encontro. Se por um lado precisamos de nos sentar junto ao poço (Jesus), por outro, o serviço de responsabilidade que temos dentro do movimento, leva-nos a sentar perto dos outros homens e mulheres que precisam de água viva. Não somos os guardas de um método, mas irmãos e irmãs que nos caminhos da vida dialogam com calma e sem preconceitos, sem calcular o tempo nem o prestígio. Ele chama-nos a partilhar a paixão pela água viva presente em cada pessoa “a minha alma tem sede de Ti”. Somos convidados a abandonar o “cântaro” das nossas estruturas rígidas para nos unirmos aos que procuram Deus que encontramos no nosso caminho. Com o impulso do Espírito que nos guia no caminho para a Verdade completa (Jo 16, 13), novas características da vida conjugal estão a nascer. Percebe-se cada vez mais a necessidade de um enraizamento em Cristo, vivido entre as angústias e esperanças do povo, principalmente dos mais fracos e dos mais pequenos. Estão a surgir novos tipos de união que não podemos colocar no mesmo nível do sacramento do matrimónio e da família. A compaixão e a atenção às perguntas dos homens indicam novas prioridades, novos modelos de organização e de colaboração aberta e flexível com todos os homens e mulheres de boa vontade. Mas isto não pode tirar o valor indiscutível do sacramento do matrimónio. O Evangelho deve ser visto como a primeira norma, o mandamento principal da Aliança, elemento central, e a fraternidade como proposta e profecia numa sociedade dividida e injusta, vivendo a paixão pela humanidade com uma grande carga de imaginação e criatividade. A experiência de estar entre os mais pobres e os excluídos dá uma nova configuração para a vida conjugal. Quantos casais se abateram e se abatem com as inúmeras feridas das famílias, dos pequenos e da sociedade inteira.

No meio das fragilidades indiscutíveis, vai assim nascendo o testemunho dos casais, das suas famílias. Perguntamo-nos: os equipistas estão prontos para isso? Mesmo sem esquecer o objectivo enfatizado pelo Padre Caffarel, de que

somos chamados à santidade, as equipas são lugar de crescimento para a santidade?

Entre os sinais que penso serem de sublinhar, olhando a samaritana, parece-me ser de realçar:

- Uma mulher, uma estrangeira: a difusão internacional do movimento. Ela terá que se arranjar com a história dos povos e das culturas. Por outro lado, temos que pensar cada vez mais nos valores de cada um, assim como encontrar com serenidade e determinação os instrumentos para um caminho comum. Este, muitas vezes, limita-se a uma ligação económica e a reflexões que não atingem a profundidade das nossas vidas;

- A solidão da samaritana e a solidão e as necessidades dos casais. A solidão de quem tem muitos maridos. Trago aqui uma intervenção de Dolores Aleixandre. É um texto que se aplica aos consagrados, mas creio que também tem muito a ver com os esposos.

“A samaritana procuraria convencer-nos da importância de nos acompanhar e apoiar na fé uns dos outros, aprendendo a reler juntos a vida e fazer com que todos possam partilhar a água da própria experiência; provavelmente mostraria a sua curiosidade e nos perguntaria para onde canalizamos a água do nosso regato afectivo e se os votos dão às nossas energias profundas a orientação apostólica que tiveram na existência de Jesus. E talvez até chegasse mesmo a perguntar-nos os nomes dos nossos maridos, das suas realidades com que pactuamos e que nos afastam do nosso centro:

*- **O marido da estupidez desinformada e conformista** que nos faz crer que a situação do mundo não tem remédio (“são as leis da economia de mercado...”, “é o preço que se tem que pagar pelo progresso tecnológico...”) e que a coisa mais sensata que podemos fazer é adaptarmo-nos ao que existe.*

*- **O marido neoliberalista e consumista** que nos leva para um caminho enganador para sermos “como o resto do mundo”, que sempre cria novas necessidades de conforto e faz com que pareça normal estar num centro confortável, longe dos riscos e mascarando como “prudência” a resistência a tudo que ameaça a nossa comodidade. À força de viver assim, a “centelha de loucura” que direccionou as nossas vidas para a sequela de Jesus apaga-se, o nosso olhar fica escuro e os lugares dos pobres que somos chamados a frequentar acabam invisíveis para nós.*

*- **O marido individualista** que nos ofusca as fontes da diversidade, seduz-nos com a facilidade de uma vida vulgar e distraída em que a dor dos outros, a*

importância da presença de Deus ou a lembrança perigosa do seu Evangelho não chegam até nós.

*- **O marido pseudo-terapeuta** que impõe o psicologismo como explicação última de todas as coisas, sempre suspeito dos nossos desejos, nega sistematicamente uma origem transcendente e põe-nos no plano de positivismo hermético: tudo tem a sua razão na nossa mente, tudo o resto são projecções ilusórias. E assim nega a possibilidade que a nossa liberdade vá para além de nós mesmos.*

*- **O marido secularista** que nos afasta do poço, do encontro profundo com o Senhor e da experiência mística, nos faz viver somente a partir de imperativos éticos, “seculariza” o nosso coração e nos torna incapazes de expressar a experiência espiritual. Daí se explica não saber encontrar as palavras para expressar o sublime, o medo diante do mistério e do símbolo, as liturgias fossilizadas e o activismo apostólico em que não há tempo nem espaço para uma oração substancial, silenciosa, “ociosa” e constante.*

*- **O marido espiritualista** que nos leva a continuar a construir santuários e a escapar para os montes de novas sacralizações e restaurações com os traços de um new age vago, sem qualquer relação com as coisas tangíveis da vida real e quotidiana.*

*- **O marido idólatra** que nos faz adorar os meios e outros instrumentos, as instituições, os ritos e as leis, tornando sempre mais difícil a adoração que o Pai quer de nós e que não tem nada que ver com a “volta” ao religioso.*

*- **O marido das mil ocupações** que se esconde atrás da velha dinâmica de procurar uma justificação para os actos, que nos configura mais como quem dá do que quem recebe, que transforma os nossos fracassos apostólicos ou a velhice em verdadeiros traumas, porque naqueles momentos o trabalho perde a sua pretensão de absoluto.*

Mas a samaritana, que foi libertada de todas as suas idolatrias, dir-nos-ia principalmente:

“Sejam pacientes com a lentidão dos processos, quando romperem com esses maridos estejam seguros que na vida de cada um de vós existe um poço e o Mestre espera por vocês sentado na borda”.

“Confiem no seu poder de sedução, na sua paciência em vencer os desafios, no seu desejo de levar até ao mais profundo da vossa vida, nas suas nascentes interiores e secretas, porque Ele sabe acompanhar esta descida sem impaciência nem pressa. Quando eu o ouvi dizer duas vezes: ‘a água que eu quero dar’, entendi que estava tomado pelo desejo violento de nos afogar na sua corrente”.

“Não fiquem satisfeitos apenas com aquilo que já sabem sobre Ele: percorram a viagem na intimidade, pois vocês tiveram a sorte de serem convidados. No começo eu só via nele um judeu, mas aos poucos guiou-me de modo que o descobrisse como o Senhor, Profeta e Messias, como aquele que sempre esperei sem saber. Tenham a coragem de chamá-lo com novos nomes, aqueles que não aparecem nunca nos manuais secos das bibliotecas.

“Não tenham medo de reconhecer a sede que têm, e não se enganem acreditando que a condição de consagrados os livra da precariedade e da vulnerabilidade que caracterizam todos os seres humanos: mudem o comportamento de perpétuos “doadores” e sintam-se viajantes com aqueles que caminham e procurem com aqueles que procuram. Só então, de fato, viverão a alegria de ser evangelizados por aqueles a quem quiseram anunciar o Evangelho. Aprendam a escutar melhor e, ao invés de pregar e comandar tudo, tornem-se peritos em perguntar, dialogar e partilhar com os outros a pobreza que nos faz iguais. De facto, só se experimentarem a sede poderão entrar no jogo que eu aprendi no poço: o homem com sede que me pediu água foi o que saciou a minha sede, e foi isto que me convenceu a falar dele para a minha gente. Justamente porque eu sabia que precisava da salvação, pude anunciar aos outros que tinha encontrado alguém que me tinha acolhido sem me julgar nem me condenar. Venham festejar comigo perto do poço que a própria pobreza, reconhecida e posta em relação com Jesus, não é um obstáculo para receber o dom da água viva, mas a melhor ocasião para acolhê-la e deixá-la escorrer pela vida eterna.

“Todavia, tenham cuidado, estejam prontos: Ele pode esperar por vós em qualquer lugar, em qualquer hora do nosso quotidiano, justamente quando estiverem envolvidos nas pequenas preocupações, em brigas ou em velhas disputas sobre títulos ou privilégios. Se pararem para o escutar, estarão perdidos para sempre: Ele a princípio pedirá alguma coisa simples (“dê-me de beber”, “vai chamar o teu marido”), mas no final voltarão para casa sem água, sem cântaro e com sede, antes desconhecida, de levar para Ele a cidade inteira.

“Recebam a notícia surpreendente que é o Pai que vos procura e deseja a resposta da adoração. Não tenham medo daquela palavra, tão estranha aos ouvidos do mundo, porque é para a “outra terra”, como Abraão, que vocês são chamados. Deixem para trás os velhos terrenos que vos sustentavam, e entrem nesta paixão pelo Senhor e pelo seu Reino, no qual, como desejava Benedito de Nórcia, nada se antepõe ao seu amor; e o que o salmista proclamava: “O teu amor vale mais do que a vida!” (Sl 63, 4)” torna-se uma forma de existência. (Paixão por Cristo, paixão pela humanidade, Milão, Paoline, 2005, pp. 111-114).

Pistas de reflexão:

- 1. O que procura o casal hoje?**
- 2. Onde vamos procurar?**

– “Se conhecesses o dom de Deus” (Jo 4,10)

O encontro da mulher da Samaria com Jesus lembra-nos que aquele que nos espera no poço, conhece-nos profundamente. Não nos podemos reduzir a um esforço voluntarista. Temos que aprender a conhecer o dom de Deus que age em nós. Os sinais da sua novidade estão aí, mas ele espera a nossa disponibilidade. Ele instiga-nos a procurar novas respostas com força criativa e imaginativa. Para onde o Espírito nos leva hoje?

- **Conhecer profundamente e na verdade.** Um primeiro domínio é o inerente à sua Palavra, que nutre todos os aspectos da nossa vida: oração, trabalho, Igreja, sociedade... A redescoberta da espiritualidade, o retorno às fontes do nosso movimento, só podem dar-nos ânimo. E isso não se deve perder nas profundezas de uma pesquisa histórica, mas deve redescobrir sua força propulsiva.

- **Criar o desejo por meio da paixão pelo encontro com os irmãos.** Muitas são as iniciativas que partem de uma troca de culturas, de gerações. Eu acredito que se deve procurar também as riquezas que existem noutras formas de convivência. Podem ser de outras culturas, de outras religiões ou talvez das nossas próprias famílias encontrando novos modos de viver e entender a vida conjugal. São encontros que precisam de criatividade e lucidez, assim como de constância, não se devem prender à moda. Muitas vezes o dom de Deus e a sua riqueza fazem percursos surpreendentes.

- **Dimensão eclesial: da solidão à comunhão.** Os sinais da vitalidade do Espírito pedem que saibamos expressar com uma linguagem e uma presença novas, a nossa vida de Igreja. A vida conjugal pode ser um laboratório de novos modelos de constituir Igreja na oração, na evangelização, na comunhão eclesial. A linguagem do amor que os casais conhecem bem deve encontrar formas de expressão menos estereotipadas. Ela pode ajudar a Igreja a unir missão e espiritualidade, corpo e espírito, comunidade e individualidade. Alguns símbolos e algumas linguagens simbólicas são substituídos por novas formas de comunicação mais adaptadas à cultura contemporânea.

Pistas de reflexão:

1. *O que mais se espera da vida conjugal a nível eclesial?*
2. *Qual a contribuição das Equipas de Nossa Senhora para a vida eclesial?*

– “A mulher deixou o seu cântaro, foi à cidade” (Jo 4, 28)

A mulher da Samaria transformada pelo encontro, abandona o seu cântaro, sinal das suas inseguranças, para enfrentar uma nova realidade. Depois que venceu o pudor e a vergonha da sua situação, não teme em anunciar “Eu vi um homem que me disse tudo o que eu fiz”. A experiência desta mudança pode ser resumida em algumas características.

- **Experiência de Deus.** Somos testemunhas de Cristo, do seu apaixonado amor pela humanidade. Para nós, ser comunidades vivas, Sua imagem, é a experiência principal, como nos lembrou Lourdes. Por isso temos que nos perguntar quais são as mudanças que devemos fazer para que isto seja sempre mais verdadeiro e visível;

- **Testemunhas no quotidiano.** Onde vivemos é o lugar que espera o testemunho. O Espírito que nos difunde por todo o mundo, leva-nos a diversificar, revitalizar, e também a buscar caminhos de unidade e comunhão sempre mais ricos. A difusão pede também às estruturas de serviço que se harmonizem, que encontrem novos caminhos para acolher a riqueza e fazer aumentar a comunhão;

- **Redescoberta da sexualidade e da sua riqueza.** A mulher da Samaria no seu modo confuso de viver a sexualidade recebe ajuda para alcançar um amor mais profundo que satisfaça a sua sede. Na desordem da vida afectiva, a vida conjugal tem um papel bem preciso, dentro e fora da família. O que fazer para que a vida conjugal seja uma proposta credível e viva para o mundo de hoje?

- **Redescoberta de uma vida mais justa e solidária.** O Padre Caffarel ensinou-nos que se queremos ter garantias para o futuro, temos que ver a nossa vida como serviço. Temos que encontrar caminhos que nos levem todos os dias a alcançar as necessidades dos que têm sede. Penso que é delicada a tarefa de transmitir às novas entidades e equipas a memória de quanto recebemos, e ainda fazer com que cresça no mundo de hoje;

- **O percurso da partilha ecuménica.** A nossa vida familiar, lugar de comunhão, tem que abrir os olhos para as necessidades da comunhão e da unidade na Igreja.

Conclusão

A vida conjugal atravessa um momento de transição, mas o nosso coração arde, continua com sede e nós continuamos a procurar a água viva. Isto acontece quando somos capazes de escutá-lo, Ele que nos fala ao longo do caminho. Então experimentamos um amor apaixonado por Jesus e uma paixão amorosa pelos nossos irmãos e irmãs. Então somos capazes de encontrá-lo e de reconhecê-lo publicamente como o “salvador do mundo” (Jo 4, 42). Bem sabemos que este fogo pode intensificar-se ou enfraquecer, aumentar ou diminuir, contagiar ou isolar. Pode também apagar-se.

Não queremos permanecer num “passado glorioso”. Queremos “olhar para o futuro, no qual o Espírito nos projecta para fazer ainda grandes coisas connosco”. Não nos interessa defender supostos direitos adquiridos, mas servir mais e melhor, fiéis à nossa vocação ao amor. Deste modo nos purificamos e adquirimos uma nova fecundidade. Assim tornamo-nos credíveis na Igreja que renasce neste “*novo millenio ineunte*”. É um compromisso sério e urgente.

Podemos contar com a promessa do Espírito, que renova todas as coisas, “*porque é de acordo com Deus que o Espírito intercede pelos santos*” (Rm 8, 27).